

## resenhas educativas

uma revista de resenhas de livros



Houssaye, Jean; Soetard, Michel; Hameline, Daniel E Fabre, Michel. (2004) *Manifesto a favor dos pedagogos*. Porto Alegre: Artmed Editora. Tradução: Vanise Dresch.

120 pp.  
ISBN 85-363-0210-0.

**Resenhado por Ana Lúcia Cunha Fernandes**  
**Universidade Federal do Rio de Janeiro**

Agosto 15, 2006



O livro escrito por Jean Houssaye, Michel Soetard, Daniel Hameline e Michel Fabre começa a chamar a atenção desde o título: *Manifesto a favor dos pedagogos*. É possível, logo de imediato, estabelecer duas conexões. Por um lado, se pensarmos na história da educação brasileira, é inevitável a associação a um outro Manifesto, o dos Pioneiros da Educação Nova, publicado em 1932. Por outro lado, se verificarmos o título da obra em sua versão original, *Manifeste pour les pédagogues*, podemos pensar nos debates históricos, tão caros à tradição do pensamento francês, em torno de posições extremadas e passionais: *être pour* x *être contre*.

O livro inicia-se, justamente, com o *Manifesto* referido no título da obra, assinado pelos quatro autores e prossegue com um capítulo escrito por cada um deles<sup>1</sup>.

No capítulo intitulado *Pedagogia: justiça para uma causa perdida?* Jean Houssaye, professor na Universidade de Rouen, na França, parte de uma premissa, a de que sempre existiram duas tradições em matéria de proposições sobre a educação: uma dos teóricos, como os filósofos e os cientistas da educação, e outra dos pedagogos, ou seja, em suas palavras, os prático-teóricos da educação, para em seguida afirmar que os profissionais tiveram usurpados o direito à elaboração do saber pedagógico. Poder-se-ia afirmar então que o nascimento da ciência da educação afirmou-se sobre a morte da pedagogia.

Não sendo um campo, não sendo um campo disciplinar, nem um objeto, nem uma qualidade, nem tampouco uma posição ideológica, “o que será então a pedagogia?”, pergunta-se o autor, que busca apresentar uma definição de pedagogia: “Reunião mútua e dialética da teoria e da prática educativas pela mesma pessoa”. Assim sendo, o pedagogo é antes de tudo um prático-teórico da ação educativa. É então na produção específica da relação teoria-prática em educação que se cria, inventa e renova a pedagogia.

A via específica da pedagogia seria assim possuir uma proposta prática e ao mesmo tempo uma teoria da situação educativa referida a essa prática, ou seja, uma teoria da

---

<sup>1</sup> O texto atribuído a Daniel Hameline é constituído, segundo nota presente no próprio texto, por partes do último capítulo de uma coletânea de diálogos inéditos entre dois professores da Universidade de Genebra.

situação pedagógica, que teria como principais características a ação, o enraizamento, as rupturas e também o fracasso.

A ação remete diretamente à necessidade da prática, mas só tem sentido à medida que testemunha o enraizamento do pedagogo, que é um ser histórico situado em sua época, portador dessa mesma época e de suas questões e que, movido pelo desejo de agir, realiza rupturas, mas também enfrenta fracassos que, por sua vez, representam a realidade dinâmica das brechas entre teoria e prática.

O autor prossegue apontando também um processo que ele denomina de “negação da pedagogia”. Definindo a pedagogia como “a abrangência mútua e dialética da teoria e da prática educativas por uma mesma pessoa e sobre uma mesma pessoa”, a negação da pedagogia consiste em recusar como *válido* o saber oriundo dessa abrangência. Por outro lado, a promoção dessa mesma pedagogia pretende salvá-la forçando-a a renunciar a esse método de constituição do saber em proveito de um outro, *reconhecido*.

Jean Houssayé procura mostrar, histórica e filosoficamente, a negação levada a cabo inicialmente pelos filósofos, de resto parecida com a dos especialistas das disciplinas, na sua negação disciplinar, na sua falta de especificidade. A seguir, vemos a filosofia navegar entre a recusa e a assimilação da pedagogia.

Cita o excelente trabalho de Nanine Charbonnel (1988) sobre a constituição das ciências da educação em França no último quartel do século XIX para exemplificar como é que os filósofos daquele momento (Compayré, Gréard, Marion, Buisson, entre outros) reduzem a pedagogia à psicologia da educação, fazendo-o no seio da filosofia. A pedagogia tornava-se saber psicológico aplicado.

A partir desse “momento-forte da pedagogia”<sup>2</sup>, Houssayé destaca a passagem da pedagogia às ciências da educação, processo no qual a primeira “desaparece em proveito de um modelo dedutivo que deseja reduzir o fazer ao dizer, o saber-fazer ao saber científico”. Ainda que com denominações diferentes – pedagogia científica, pedagogia experimental, ciência (ou ciências) da educação, trata-se de recusar a *velha pedagogia* para assegurar a afirmação da *verdadeira pedagogia* por meio da ciência.

A consequência apontada pelo autor é que assim a pedagogia vai se emparelhando com a ciência e com as ciências, fazendo com que o saber passe a vir de fora e o *como fazer* não encontre mais sua verdade e seu rigor no fazer, e sim em saberes externos considerados científicos.

Abordando a relação entre as didáticas e a pedagogia, o autor assinala que o êxito atual das didáticas reativa o processo de recusa-promoção da pedagogia. Abordando o tema em termos históricos, o autor descreve as mudanças pelas quais passou o conceito de didática e como o debate sobre pedagogia e didática expõe disputas sobre as questões de fronteiras entre os saberes e suas identidades. Nas palavras do autor, “Tudo ocorre como se as relações entre didática e pedagogia funcionassem como um jogo de espelhos deformados”.

Houssayé apresenta novas tendências na negação da pedagogia, ou seja, os novos deslocamentos da negação: o saber prático, os saberes da ação, a pedagogia como discurso e a especificidade das ciências da educação.

Ao se admitir que a prática produz saberes a serem reconhecidos, poderíamos supor que com isso haveria um reconhecimento da pedagogia. No entender do autor, isto não ocorre, já que o saber científico reconhece que o ato pedagógico produz saberes práticos que têm sua própria ordem, mas concebe que só o seu saber é verdadeiro. Para os

---

<sup>2</sup> Expressão tomada por mim de António Nóvoa (1998) que a utiliza para destacar três momentos nos quais teria ocorrido uma significativa produção de reflexão científica em educação: 1880 – esforço de edificação de uma ciência da educação; 1920 – emergência da educação nova e das ciências da educação no plural e 1960 – renascimento de um novo projeto de ciências da educação.

defensores do *saber teórico*, reconhecer a pedagogia como um *saber prático* seria um meio de desqualificá-la. Sobre os saberes da ação, o autor destaca as tensões entre as lógicas de ação e as lógicas de conhecimento, os problemas de ação situando-se como locais e efêmeros, enquanto que o conhecimento se baseia na universalidade. Finalmente, discute a pedagogia como discurso e a especificidade das ciências da educação.

O outro artigo é de autoria de Michel Soetard, professor na Universidade Católica de l'Ouest, em Angers, também na França. Intitulado *Ciência(s) da educação ou sentido da educação? A saída pedagógica*, recupera o debate sobre o ingresso da pedagogia na universidade no contexto da explosão das ciências humanas nos anos 60 para refletir sobre a pedagogia hoje e a sua contribuição para as ações que o educador precisa empreender e as decisões que ele precisa tomar no seu dia-a-dia.

Se, por um lado, conforme o autor assinala, a entrada da pedagogia nas ciências da educação tornou a educação um objeto científico ou, em suas palavras, “a educação entrou na cientificidade” e, por isso, as ciências da educação promoveram uma enorme compreensão da realidade, por outro lado, faz duvidar se teriam contribuído, na mesma medida, para a ação que deveriam promover. Sua pluralidade não produz resultados realmente científicos, pois empenha-se em buscar leis gerais de funcionamento, enquanto que as situações inscrevem-se na particularidade e na singularidade, aumentando o fosso entre a ação pedagógica e as ciências da educação

Soetard identifica uma “falta de fôlego” das ciências da educação em relação a subsidiar a ação pedagógica e enumera uma série de perguntas: Como estabelecer a ponte que permita a esses saberes [os provenientes das ciências da educação] alcançarem a ação pedagógica? Haverá somente uma ponte possível? Estará o pedagogo condenado a uma bricolagem sem fim? Estará ele condenado a entregar a sua prática ao aleatório?

O capítulo seguinte apresenta uma longa e interessante entrevista com o professor Daniel Hameline, da Universidade de Genebra, Suíça, realizada por Pierre-Henri Zoller, e que não por acaso tem como título *Pedagogia e pedagogismo*. A partir de uma perspectiva eminentemente filosófica, Hameline, instigado por seu interlocutor, procura situar o debate a respeito da pedagogia utilizando como contraponto o conceito de pedagogismo, abordando questões sobre conhecimento, saber pedagógico e cientificidade, as palavras e as coisas, as dimensões pessoal e impessoal, autonomia dos educandos, Herbart e a razão pedagógica e o aplicacionismo em educação.

Já o último capítulo, intitulado *Existem saberes pedagógicos?*, é de autoria de Michel Fabre, professor da Universidade de Nantes, França, que inicia o texto com uma instigante e difícil pergunta: “A pedagogia produz saber, um saber que ela seria a única capaz de produzir?” Sendo este o caso, continua ele, tratar-se-ia de um saber transmissível nas formas canônicas da pesquisa ou, ao contrário, de um saber mais ou menos esotérico e transmissível apenas pelas vias da imitação e da iniciação?

O autor se pergunta sobre a existência (ou seria melhor dizer possibilidade?) de um “espaço intermediário entre teoria científica e reflexão em ação”.

Para responder à pergunta “O que é a pedagogia?” o autor empreende uma reflexão sobre o estatuto epistemológico da pedagogia, começando por retomar a definição de Durkheim que, partindo da idéia da educação, fornece três sentidos para se entender a pedagogia. Um primeiro estaria ligado à idéia de arte, a arte do educador, ou seja, um sistema de modos de fazer que são o produto da experiência. Um segundo nível de sentido concebe a pedagogia como reflexão sobre a ação educativa e, assim entendida, não seria mais uma prática, mas antes uma teoria. E por fim, haveria ainda um terceiro sentido do termo, entendendo a pedagogia como doutrina educativa. Contudo, para Durkheim, seria necessário privilegiar o segundo nível de sentido.

A partir da proposição elaborada por este autor, Fabre se dedica a desenvolver uma reflexão sobre pedagogia e ciências da educação, buscando definir o estatuto epistemológico de cada um desses campos de saber.

Depois de ter destacado algumas questões apresentadas em cada um dos textos que compõem o livro, caberia tecer algumas considerações sobre a publicação como um todo.

O livro, embora contenha contribuições valiosas para se pensar a produção de conhecimento pedagógico na atualidade, oferece algumas dificuldades para os leitores brasileiros, pois apresenta o debate sobre a situação das ciências da educação com base nas especificidades históricas do contexto francês, ou seja, com base no processo de desenvolvimento das ciências da educação no âmbito do sistema universitário na Europa e, mais especificamente, na França. A própria discussão, ou embate, entre pedagogia e ciências da educação parece não fazer muito sentido para os leitores brasileiros, a não ser que de alguma forma tenham conhecimento do debate, em termos históricos e filosóficos, que o livro apresenta.

Tal aspecto talvez pudesse ser atenuado se o livro oferecesse um texto de apresentação da obra, dos autores e dos textos, situando-os num breve contexto sócio-histórico específico e, ao mesmo tempo, situando-os em relação ao debate sobre o curso de pedagogia no Brasil.

Os textos apresentados nesta obra nos levam a pensar que o entendimento do caráter da prática social da educação como atividade que visa integrar as crianças e os jovens à sociedade é uma questão que parece não levantar maiores problemas. No entanto, a identidade da prática educativa enquanto campo de produção de conhecimentos ainda é vista como problemática. Embora seja indiscutível que a produção científica sobre questões mais específicas dos processos educacionais foi constituindo uma base epistêmica que justifica a legitimidade de um espaço próprio no campo científico, parece estarmos longe ainda de alcançar um consenso sobre a identidade epistemológica do campo pedagógico.

Os textos, de alguma forma, também nos fazem pensar em como já vai se tornando antiga tal oposição entre teoria e prática ou em como o debate sobre a pedagogia como arte ou como ciência é uma questão relançada de tempos em tempos. Como exemplos, podemos citar o livro de Payne, *Lectures on the science and art of education*, editado em Londres em 1883; o verbete *Pedagogia* escrito por Henri Marion para o famoso *Dictionnaire de Pédagogie et de l'instruction primaire*, de Fernand Buisson, cuja primeira edição é de 1887, e finalmente, um texto de um dos mais famosos signatários do Manifesto dos Pioneiros (mencionado no início desta resenha), Anísio Teixeira, que, em texto publicado em 1957, já afirmava a *Ciência e arte de educar*

## Referencias

Charbonnel, N. *Pour une critique de la raison éducative*. Berna: Peter Lang, 1988.

Nóvoa, A. *Histoire & Comparaison (Essais sur l'Éducation)*. Lisboa: Educa, 1998.

Teixeira, A. *Ciência e arte de educar*. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. V.28, n.68, out/dez 1957.

**Acerca da autora da resenha: Ana Lúcia Cunha Fernandes** Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na qual leciona as disciplinas Educação Brasileira e Educação Comparada, no curso de Pedagogia, e Estrutura e Funcionamento do Ensino, no curso de Licenciatura. Áreas de interesse: História da Educação e Educação comparada. Pesquisas em andamento: História da profissão docente no Brasil e em Portugal e imprensa periódica educacional no Rio de Janeiro e em Lisboa entre 1870 e 1960 (em conjunto com outros pesquisadores brasileiros e portugueses).

analucia\_fr@yahoo.fr

\*\*\*\*

**Resenhas Educativas/ Education Review** publica resenhas de livros recém-lançados na Educação, abrangendo o conhecimento e a prática em sua totalidade.

**Resenhas Educativas/ Education Review** em português é um serviço oferecido, sem custos, pelo Laboratório de Políticas Públicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Todas as informações são avaliadas pelos editores:

•

**Editor para Espanhol e Português**

**Gustavo E. Fischman**

Arizona State University

e

Laboratório de Políticas Públicas (UERJ)

•

**Editor Geral (inglês)**

**Gene V Glass**

Arizona State University

•

**Editora de Resenhas Breves (inglês)**

**Kate Corby**

Michigan State University

As resenhas são arquivadas e sua publicação divulgada por meio da listserv (EDREV). Education Review é um signatário da Budapest Open Access Initiative.

